

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES

Maria Cristina Kessler¹

Andréia Veridiana Hermel²

Resumo

Este relato centra-se em algumas análises oportunizadas por uma investigação, em andamento, que discute saberes e práticas no âmbito da educação de jovens e adultos, a partir de um processo de problematização coletivo envolvendo pesquisadores e professores de classes EJA, de uma escola de São Leopoldo.

De forma específica são apresentadas algumas reflexões oriundas do processo de análise acerca das representações que os professores constroem sobre si e sobre seu aluno de EJA, bem como as implicações de tais representações na prática pedagógica.

Metodologicamente, a investigação utiliza determinadas estratégias centradas nas perguntas pedagógicas que podem ser agrupadas em quatro tipos fundamentais: descrição, interpretação, confronto e reconstrução.

Palavras – chaves: EJA, Representações, Práticas.

Introdução

Este relato centra-se em uma investigação, em andamento, que analisa saberes e práticas no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, a partir de um processo de problematização coletivo envolvendo pesquisadores e professores de classes EJA de uma escola de São Leopoldo- RS.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa-formação que, a partir de determinadas estratégias, pretende desencadear um processo de análise acerca das questões que envolvem o cotidiano dos educadores, não como meras constatações, mas como um processo de reflexão e ação sobre tais questões, opondo-se tanto a uma postura idealista centrada apenas na reflexão como a uma postura empirista centrada apenas na prática. Não estamos desvalorizando a reflexão, mas insistindo no fato de que esta reflexão seja crítica e que se dê em torno e sobre a realidade concreta. Trata-se, portanto, de uma práxis, compreendida a partir da concepção freireana como ação e reflexão sobre o mundo.

Desta forma o professor é percebido não como técnico que se limita a cumprir o que outros lhe ditam de fora da escola, mas como agente ativo do seu próprio desenvolvimento, um profissional “prático reflexivo” (SCHÖN, 2000), que a partir da reflexão sobre sua prática constrói conhecimento. Um intelectual transformador que une o discurso da crítica com o

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS. mkessler@unisinis.br

² Bolsista PIBIC, UNISINOS

discurso da possibilidade, reconhecendo seu potencial na promoção de mudanças (GIROUX, 1997).

Metodologicamente a investigação se desenvolve a partir de determinadas estratégias, centradas em uma atitude questionadora, nas quais o educador reflete sobre sua prática, sobre si próprio na sua relação com os demais. Estas estratégias desencadeiam o processo de reflexão nas suas diferentes formas a partir de determinadas questões, as chamadas perguntas pedagógicas, agrupadas em quatro tipos: descrição, interpretação, confronto e reconstrução (SMYTH apud ALARCÃO, 2003).

1 - As perguntas pedagógicas

O questionamento acerca de si e de sua prática constitui-se em importante momento de aprendizagem e desenvolvimento profissional para o professor. De acordo com Alarcão (2003): “Pela questionação tudo é susceptível de vir a ser mais bem compreendido, mais assumidamente aceite” (p. 57).

A partir deste entendimento, centramos as estratégias da pesquisa-formação em perguntas pedagógicas enfatizando que esta designação vincula-se, necessariamente, a uma intencionalidade formativa, o que independe de quem as formula, isto é, o próprio professor, um colega ou supervisor (ALARCÃO, 2003).

Como já anteriormente mencionado, as perguntas pedagógicas podem ser agrupadas em quatro tipos (SMYTH apud ALARCÃO, 2003).

- Descrição: são aquelas estratégias que permitem uma explicitação do fazer e do sentir do professor e do aluno. Insere-se, nesta perspectiva, a representação de si e do aluno.

Perguntas: Quem sou eu? Quem são os meus alunos de EJA?

Este processo reflexivo é denominado por Schön de reflexão na ação na medida em que “os professores têm conversas reflexivas com as situações que estão a praticar” (ZEICHNER, 1993, p.20).

- Interpretação: As estratégias incluídas nesta categorização focalizam o significado das ações e dos sentimentos. Trata-se de um processo de reflexão sobre a ação que ocorre de forma retrospectiva sobre uma determinada situação vivenciada e sobre a reflexão realizada. O distanciamento permite uma reflexão isenta dos sentimentos que envolvem as situações problemáticas.

- Confronto: As perguntas de confronto questionam a primeira interpretação. Representam questionamentos sobre a primeira interpretação, sobre a primeira análise. Trata-se de um

processo meta-reflexivo, de reflexão sobre a reflexão na ação no qual o professor busca significados apoiando-se em um determinado referencial teórico construindo assim uma nova teoria para sua prática. De acordo com Alarcão (2003): “as perguntas de confronto trazem a novidade, e por vezes o incômodo, de outros olhares e podem vir a constituir-se como um rasgar de horizontes e início da mudança, da reconstrução e da inovação” (p. 58).

- Reconstrução: As perguntas de reconstrução sugerem mudança, reconstrução, inovação, busca de alternativas.

2 - Problematizando as representações

Nossa primeira ação no trabalho com o grupo de professores centrou-se nas perguntas que se inserem na categoria descrição: Quem sou eu? Como vejo meu aluno de EJA? Estas perguntas desencadearam um processo de reflexão na ação focalizando as representações que os professores constroem sobre si e sobre seus alunos.

2-1 Representações – algumas compreensões

Representações são construções mentais, por nós elaboradas a partir do real, que utilizamos para interpretar e descrever este real. São afirmações, explicações e conceitos que se constroem através das trocas interpessoais, em particular através da fala, da linguagem. Embora elas se manifestam através do discurso e das ações do sujeito, sofrem, na verdade, a influência das relações sociais e da realidade material, social e até mesmo ideal. Trata-se, portanto, de algo que é produzido e não reproduzido, na medida em que cada pessoa o faz de uma maneira diferente, acrescentando ou retirando elementos, conforme a realidade social em que vive. Neste processo ao descrever os objetos, os inventamos, os produzimos, de acordo com nosso olhar e com nossa verdade sobre as coisas e passamos a lidar com ele a partir da representação construída.

2-2 Quem sou eu?

Com o objetivo de conhecer as representações que os professores constroem acerca de si foi realizada uma atividade a qual denominamos de Técnica do Espelho. Em um determinado lugar, fora do ambiente do encontro, foi colocado um espelho dentro de uma caixa enfeitada que lembrava um presente. Cada professor(a) se dirigia a este lugar, abria a caixa, observava o seu interior e voltava à sala, onde acontecia o encontro, sem fazer comentários sobre o que

havia encontrado. Após todos realizarem a tarefa foi solicitado aos professores que relatassem aos colegas suas impressões acerca do conteúdo da caixa.

Esta atividade além de aproximar pesquisadores e professores permitiu que os pesquisadores conhecessem um pouco sobre os professores com os quais iriam trabalhar e sobre os elementos/condições que acabam por influenciar suas práticas pedagógicas. Nesta situação os professores trouxeram respostas espontâneas e de rotina que expressavam diferentes sentimentos. De surpresa: “custei a me situar”; “a gente se surpreende”; de satisfação: “A coisa mais linda”, “a coisa que eu mais gosto”, ou ainda, “adoro me olhar no espelho”. Também foram expressos sentimentos negativos de desconforto e insatisfação; “Não gostei do que eu vi. Aquela cara feia não me agrada”, e ainda, “Não olhei muito. Não estava a fim de me ver”. Sentimentos de carinho como os expressados pela professora responsável pela coordenação pedagógica: “Somos presentes bonitos, um grupo muito especial que apesar das discordâncias trabalha muito bem junto”.

A atividade desencadeou, também, alguns questionamentos: Será que os outros me vêem como eu me vejo? Segundo a teorização de Schön (2000):

A reflexão – na – ação tem uma função crítica, questionando a estrutura de pressupostos do ato de conhecer – na – ação. Pensamos criticamente sobre o pensamento que nos levou a essa situação difícil ou essa oportunidade e podemos, neste processo, reestruturar as estratégias de ação, as compreensões dos fenômenos ou as formas de conhecer os problemas (p.82).

Os professores, em um segundo momento, foram desafiados a refletir sobre as seguintes questões: Como vocês vêem a experiência vivida? O que isso tem a ver com o “ser professor” de cada um?

As verbalizações dos professores podem ser agrupadas a partir das seguintes categorias:

1) O Trabalho com o novo

- Cada dia é uma surpresa/ Trabalhamos com pessoas diferentes/ Desafios do dia a dia.
- Professor vem com expectativa de mudança.

2) Visão do professor como modelo para o aluno

- A imagem do professor, as atitudes, marcam mais que palavras.
- Pensei que o adulto não dava valor para a atitude do professor, mas percebi que somos os exemplos.
- O nosso aluno quer sempre muita resposta; em especial a opinião do professor sobre determinado assunto.

Alguns professores revelaram o quanto é gratificante trabalhar na EJA, não apenas por serem mais valorizados por estes alunos, como também pela possibilidade de perceberem nos alunos expressivas mudanças que são atribuídas ao trabalho docente realizado.

3) Relação professor-aluno

- Afetividade, respeito pelo aluno.
- O professor dá espaço para que o aluno possa chegar até ele. Alguns mais tímidos, outros com mais formalidade e outros com mais intimidade.
- Respeitam a opinião de seus alunos, tem sempre aquele que tem sua opinião própria.
- Grupo de professores está satisfeito com seus alunos.

4) Descrição do aluno

- O meu aluno adulto é uma criança na sala, muito carente.

Esta visão infantilizada do adulto se constitui, na compreensão de Baquero (et. al. 2004) , em uma de uma série de falácias a respeito da compreensão do que seja adulto e dos processos de ensino-aprendizagem sobre as quais as práticas pedagógicas institucionalizadas encontram-se alicerçadas.

- Valorização do aluno com mais idade. Este sentimento está em sintonia com um dos critérios de seleção de alunos utilizado pela Escola, a idade. Cabe referir que o número de alunos da escola é de aproximadamente 500 alunos, sendo a grande maioria formada por alunos adultos.
- A escola procura suprir lacunas/ o aluno mais jovem procura o EJA para concluir mais rápido.

Esta compreensão acerca da Educação de Jovens e Adultos, centrada num aligeiramento do processo escolar, se identifica com uma educação de natureza essencialmente supletiva que, em tempo reduzido deve suprir tudo aquilo que deveria ter sido ensinado/aprendido em um outro momento (FONSECA, 1999).

A partir desta categoria os professores foram provocados com a seguinte pergunta: Como vejo meu aluno de EJA?

2-2 Quem são os meus alunos de EJA?_

Para esta atividade, vinculada à categoria descrição, fornecemos aos professores papel pardo, revistas, canetas coloridas e cola, e solicitamos a eles que, em grupos, construíssem cartazes que pudessem responder a questão proposta: quem são os meus alunos de EJA?

Posteriormente, outra estratégia foi proposta ao grupo vinculada à categoria interpretação. Foi solicitada, aos professores, a apresentação dos cartazes confeccionados, para os demais

colegas. Cada grupo destacou através das imagens a forma como enxerga seu aluno. Ao dar a sua interpretação sobre as imagens selecionadas pelo grupo, os professores desenvolvem um processo de reflexão sobre a ação na medida em que os educadores de forma retrospectiva analisam a situação vivenciada e refletem sobre a reflexão realizada.

As verbalizações dos professores podem ser agrupadas a partir das seguintes categorias:

1) O que buscam no EJA

- estão atrás de um sonho/ perspectiva de um futuro melhor/busca de um certificado/pressão social/: Os alunos destacam a busca por trabalho com bom salário e a entrada na universidade;
- exemplo para os filhos: Este tem sido um elemento propulsor para a volta à escola. Em depoimentos os alunos adultos têm enfatizado a alegria de poder auxiliar um filho nos seus deveres escolares.
- vida social; inclusão, em busca de aventuras (paixões);
- novo recomeço; mudança; resgate do tempo; redescoberta;

2) Como são descritos

- pessoas sofridas; às vezes, turistas; querem lanche, chimarrão na aula;
- alunos jóias raras; incógnita, cada olhar um significado diferente;
- pessoas cheias de questionamentos; aluno mala; pessoas jovens e maduras;
- guerreiros; dia-a-dia difícil; trabalhadores; “viver e não ter a vergonha de ser um eterno aprendiz”; preocupação com a família.

3) Expectativa do professor

- superação; aluno chega desacreditado; apostam na escola; no final desabrocham, são vitoriosos.
- evolução; reencontro c/ desconhecido/liberdade...

Ao final do encontro foi colocado para o grupo que estas formas de enxergar o aluno de EJA são, na verdade, representações, ou seja, um conjunto de afirmações pelas quais os professores interpretam seus alunos (MOSCOVICI, 1978).

Foi solicitado ao grupo de professores que realizassem com seus alunos atividades nas quais os alunos seriam solicitados a se descreverem, para, em um próximo encontro, realizarmos o confronto entre as representações construídas pelos professores e as construídas pelos alunos. Neste sentido, quanto maior for o conhecimento que uma pessoa (ou um grupo) tem de uma dada realidade, mais coerentes e próximas do real são as representações sociais que ela constrói. Conhecimento e representações sociais estão estreitamente relacionados. Sendo assim, é extremamente importante que o professor explicita e confronte suas representações acerca do seu aluno.

2.3 Confrontando as representações

Os alunos em grupo, por solicitação dos professores, construíram cartazes tentando responder a questão que lhes foi proposta: Quem sou eu?

A análise do material produzido pelos alunos foi confrontado com o material produzido pelos professores, ou seja, foi realizado o confronto entre as representações dos professores sobre o aluno do EJA e as representações que estes alunos constroem sobre si, conforme indica o quadro a seguir:

Professores	Alunos
Preocupação com a família	Vida melhor para a família
Exemplo para os filhos	Modelo para os filhos
Guerreiros	Guerreiros
Pressão social	Medo de perder o emprego
Vitoriosos	Vencedores
Pessoas sofridas	
Aluno chega desacreditado	Alta auto-estima
Busca do certificado	Conhecimento ninguém tira
	Preocupação com questões sociais
	Preocupação com o meio ambiente
	Rompimento com a ordem pré-estabelecida
	Peixe fora d'água / enrolado (imagem de uma pessoa enrolada em muitos fios)
	Religiosidade

A análise, em andamento, do material coletado nos permite discutir, ainda que de forma provisória, algumas questões. Cabe destacar que o aluno não se vê como “coitadinho”. As imagens escolhidas, como eles mesmos relataram para os professores, apontam para uma alta auto-estima. Esta representação de si vem de encontro com a forma como normalmente o aluno de EJA é descrito na literatura. A atribuição de um fracasso pessoal sobre a interrupção da escolaridade a este aluno é um procedimento marcado pela ideologia do sistema escolar, ainda fortemente centrada no paradigma do mérito (FONSECA, 2002).

As imagens “peixe fora d'água” e “enrolado” acabaram impondo o seguinte questionamento: Este aluno se reconhece neste espaço?

Outro elemento importante apontado pelos alunos foi a presença forte da religiosidade, manifestada por alguns alunos de um grupo que se recusaram a colocar no cartaz uma imagem contendo pessoas bebendo cerveja.

A religiosidade foi, em um dos encontros, mencionada pelo professor de física ao relatar os conflitos gerados em sala de aula durante a abordagem do tema, a origem da vida. As teorias científicas apresentadas pelo professor não eram compatíveis com as teorias religiosas compartilhadas por alguns alunos.

Nesta perspectiva adverte Fonseca (2002):

Conhecer o aluno, entretanto, não depende apenas de ter acesso a uma série de informações sobre os indivíduos, estabelecer médias, modas e desvios. Há que se ter uma atenção cuidadosa com a dinâmica que se estabelece em sala de aula, com as posições assumidas pelos sujeitos, com a recorrência e o inusitado das situações (p. 61).

Considerações finais:

Os resultados preliminares da pesquisa em andamento destacam a necessidade dos educadores confrontarem suas representações acerca do aluno da EJA objetivando, assim, um conhecimento mais amplo acerca dos seus alunos não somente como indivíduos, mas como grupo social, elemento importante na reconfiguração das propostas pedagógicas para a Educação de Jovens e Adultos.

Referências bibliográficas:

- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.
- BAQUER, Rute Vivian Ângelo; FISCHER, Maria Clara Bueno. *A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: um campo político-pedagógico em disputa*. IN: EDUCAÇÃO UNISINOS, São Leopoldo:Unisinos, 2004.
- FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. *O Ensino de Matemática e a Educação Básica de Jovens e Adultos*. IN: Presença Pedagógica, v. 5, Nº 27, maio/junho, 1999.
- _____. *Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MOSCOVISI, Serge. *A representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- SCHÖN, Donald. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ZEICHNER, KENNETH M. *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

